

6ª TEMPORADA DE MÚSICA DA PARQUES DE SINTRA
6th PARQUES DE SINTRA MUSIC SEASON



Noites de Queluz

Nights at Queluz

TEMPESTADE E GALANTERIE
TEMPEST AND GALANTERIE

BACH A DOIS

Palácio Nacional de Queluz

Sala do Trono
24 Out 2020 » 21:30

24/10 Sala do Trono | 21:30

Bach a dois

LAURA PONTECORVO || Flauta

RINALDO ALESSANDRINI || Cravo

Johann Sebastian Bach (1685 - 1750)

- Sonata para flauta transversal e cravo *obligato*, BWV 1030
Andante
Largo e dolce
Presto
- Suíte para flauta transversal, BWV 815, 817 e 1011
Allemande
Courante
Sarabande
Gavotte
Gigue

Johann Christian Bach (1735 - 1782)

- Sonata para flauta transversal e cravo *obligato*, Op.8 n.6
Adagio
Allegretto
Allegro assai

Wilhelm Friedman Bach (1710 - 1784)

- Sonata para cravo, em Lá menor
Poco Allegro
Largo
Presto

Carl Philipp Emanuel Bach (1714 - 1788)

- Sonata para flauta transversal e cravo *obligato*, Wq 83
Allegro un poco
Largo
Allegro

TWO FOR BACH'S

1736 foi um ano muito importante na vida de Johann Sebastian Bach. Três anos depois da sua primeira petição apresentada ao Príncipe Eleitor e Rei da Polónia, Augusto III, chegou finalmente a resposta positiva que lhe conferiu o título de Compositor da Corte do Reino da Polónia e do eleitorado da Saxónia. Foi precisamente em 1736 que Bach escreveu as únicas duas sonatas para flauta transversal e cravo obbligato que sobreviveram ao autor: a BWV 1030, em Si menor, e a BWV 1032, em Lá Maior. Ambas as Sonatas são apresentadas como tendo sido construídas com base em material pré-existente e exibem o estilo e o andamento típicos do método composicional de Bach. Da Sonata em Si menor, BWV 1030, para além do manuscrito completo e autografado, com data de 1736, chegou até nós uma versão da única parte do cravo obbligato em Sol menor, uma terceira abaixo. A parte da flauta está em falta e a escrita menos elaborada sugere que se trata de uma versão mais antiga, a partir da qual a versão em Si menor foi elaborada. Pedra angular do repertório para flauta, a Sonata BWV 1030, pode ser definida como “sonate auf concertenart”, ou sonata em estilo de concerto. A presença de um refrão que alterna com episódios de carácter contrastante, que invocam o Andante inicial, bem como a estrutura de sonata em três movimentos, sugerem isso mesmo. Ao contrário do violino e do violoncelo, para os quais Bach escreveu coleções de 6 composições para estes instrumentos a solo, chegou até nós uma única Suite para travesso, a Partita BWV 1013. Inspirado no costume setecentista de tocar repertório para outros instrumentos na flauta, pensei em elaborar uma Suite transcrevendo material de várias composições de Bach para este instrumento solo. A fonte principal é a Suite Francesa BWV 815 para cravo, da qual transcrevi a Allemande, a Courante e a Gavotte. No final, inseri a Gigue da Suite Francesa BWV 817 e, pelo meio, introduzi a transcrição da Sarabande da Suite BWV 1011, para violoncelo solo. Johann Christian Bach escreveu numerosas obras de câmara para a flauta transversal, desde o duo com cravo ao sexteto para diversos instrumentos, todas elas caracterizadas por uma hábil escrita

concertante. A peça que aqui apresentamos existe também na versão trio para flauta, violino e violoncelo, em que o baixo tem apenas uma função de acompanhamento. O diálogo entre as duas vozes superiores é eficaz e idiomático, na versão para flauta e cravo obbligato, desenvolvendo-se na estrutura típica da sonata com três movimentos, Lento-Veloce-Veloce.

A sonata de Wilhelm Friedmann Bach em Lá menor é parte de um manuscrito que existe na Biblioteca Estatal de Berlim, contendo uma fantasia e seis sonatas. Infelizmente, o manuscrito está incompleto em várias partes. Os movimentos perdidos foram recuperados a partir de uma publicação da mesma obra, em 1776, em nome de Wilhelm Haessler, compositor seu contemporâneo. Embora permaneçam dúvidas quanto à atribuição desta obra, a música ilustra claramente um estilo que era muito difundido na época e é sobejamente conhecido hoje, através da música dos filhos de Bach.

No catálogo das suas obras, Carl Philipp Emanuel Bach usa a categoria “Trios” para se referir a três tipos diferentes de composição: as trio sonatas, as sonatas para um instrumento com cravo obbligato e as chamadas sonatas acompanhadas. Na verdade, de acordo com o costume da época, o termo trio definia a escrita com três partes obrigatórias que podiam incluir quatro intérpretes, ou seja, dois instrumentos melódicos e dois para o baixo contínuo (trio sonata) e apenas dois intérpretes, como no caso das sonatas para instrumento e cravo obbligato. Das cinco sonatas para flauta e cravo obbligato, todas, exceto uma (a Wq 87 em Dó maior), existem numa versão anterior, na forma de trio sonata. A Sonata Wq 83 viu a luz como um trio em 1747, no ambiente berlinense da corte de Frederico II em que as composições para cravo obbligato eram muito populares (encontramos muitas dos irmãos Graun e Schaffrath), especialmente as para flauta, visto que eram quatro, os flautistas empregados na corte, para além de JJ Quantz, professor do imperador. Foi o que inspirou a criação do programa que hoje apresentamos, sob a égide do diálogo equilibrado entre flauta e cravo.



LAURA PONTECORVO || flauta

Laura Pontecorvo tem vindo a apresentar-se algumas das temporadas de concertos mais importantes do mundo, com várias orquestras e grupos de câmara, como Concerto Italiano de Rinaldo Alessandrini (de que é primeira flauta desde 1998), Accademia Bizantina, Divino Sospiro, Accordone, L'Arte dell'Arco, com os quais participou em vários festivais e temporadas de concertos: o Het Concertgebouw em Amsterdão, a Gotham Early Music Foundation no Lincoln Center em Nova Iorque, o Kioi Hall em Tóquio, o Théâtre des Champs Elysées em Paris, a Accademia Nazionale di S. Cecilia em Roma, a Accademia Filarmonica Romana, o Teatro Colón em Buenos Aires, o Teatro Municipal em Santiago do Chile e no Rio de Janeiro, a Sociedade de Cultura Artística em São Paulo, a Fundação Gulbenkian em Lisboa, o Festival Internacional de Música em Cartagena (Colômbia), a Temporada da Orquestra Barroca de Jerusalém em Jerusalém e Tel Aviv, a Temporada de Rádio ORF em Viena, os Concertos Portugal Telecom em Lisboa, o Festival de Beaune, entre outros. Já se apresentou como solista no Japão, nos Estados Unidos, na Colômbia, na Holanda, em França, em Israel, na Alemanha, em Itália, em Portugal, na Bélgica e na Áustria. Também gravou para Arcana, Opus 111, Naïve, Stradivarius, Brilliant, Dynamic, Inedita.

É professora de Música de Câmara no Conservatório de Música de Ferrara e de Flauta Transversal Barroca no Instituto Giulio Briccialdi, em Terni. Foi convidada para lecionar masterclasses na Escola Superior de Música de Lisboa e no Real Conservatorio Superior de Música, em Madrid e, em 2013, na Universität für Musik und Darstellende Kunst, em Viena.



RINALDI ALESSANDRINI || cravo

Para além das suas atividades como Diretor e Fundador do Concerto Italiano, Rinaldi Alessandrini é um aclamado recitalista de cravo, pianoforte e órgão, e é considerado um dos intérpretes de Monteverdi mais conceituados em todo o mundo. Apresentou-se no Japão, no Canadá, nos EUA e por toda a Europa, sendo cada vez mais procurado pelas principais orquestras do mundo: Scottish Chamber Orchestra, Orchestra of the Age of Enlightenment, Freiburger Barockorchester, Boston Handel and Haydn Society, Maggio Musicale Fiorentino Orchestra, Orquestra da Rádio Italiana, Orquestra Sinfónica da Cidade de Granada, Orquestra Regional da Toscana, Orchestra Toscanini, Orquestra Radio France de Montpellier, Orquestra da Ópera de Bordéus, Orquestra da Ópera de Lyon, Orquestra da Rádio de Munique, Orquestra da Rádio de Colónia, Orquestra da Rádio de Copenhaga, Portland Baroque Orchestra, Philharmonia Baroque Orchestra, Liverpool Royal Philharmonic, Orchestra Haydn Bolzano, Melbourne Symphony Orchestra, Washington Symphony Orchestra, New World Symphony Orchestra in Miami, Orquestra da Ópera de Santiago (Chile), San Francisco Symphony Orchestra, Basel Kammerorchester, Seattle Symphony Orchestra, Orquestra de Câmara de Genebra, Deutsche Symphonie Orchester de Berlin. As suas gravações granjearam-lhe os mais altos elogios da crítica, incluindo cinco Gramophone Awards, dois Grand Prix du Disque, três Deutscher Schallplattenpreis, um Prix Caecilia, o Prémio Cini e quatro Midem Awards em Cannes. Rinaldo Alessandrini foi nomeado Chevalier dans l'ordre des Artes et des Lettres pelo Ministro da Cultura francês e, juntamente com o Concerto Italiano, recebeu o prestigiado Prémio Abbiati dos críticos de música italianos. Foi editor das edições de Monteverdi Orfeo e Ulisse, em Baerenreiter.

PRÓXIMOS EVENTOS

OUTUBRO '20

25/11 Sala do Trono | 19:00

CONCERTO PARA FAMÍLIAS

LÍGIA ROQUE (narrador) / ANDRÉ HENRIQUES (barítono)

CHRISTIAN LUJAN (baixo) / MARIO MANIATOPOULOS (tenor)

MARIANA CASTELLO-BRANCO (soprano)

DIVINO SOSPIRO / dir. MASSIMO MAZZEO

Dom Quixote no Casamento de Comacho

30/11 Sala da Música | 21:30

NURIA RIAL (soprano) / ALEXANDER MELNIKOV (pianoforte)

Das emoções de salão à tragédia clássica

31/11 Sala do Trono | 20:45

ROBERTA MAMELI (soprano) / ARIANNA VENDITTELLI (soprano)

FILIPPO MINECCIA (contratenor) / JUAN SANCHO (tenor)

AMERICANTIGA ENSEMBLE

DIVINO SOSPIRO / dir. MASSIMO MAZZEO

dir. musical do coro RICARDO BERNARDES

Scarlatti, agente da ópera italiana em Lisboa

NOVEMBRO '20

06/10 Sala da Música | 21:30

STEFANIA NEONATO (pianoforte)

Clementi, Bomtempo e Beethoven

07/11 Sala do Trono | 21:30

JOSÈ MARIA LO MONACO (meio-soprano)

DIVINO SOSPIRO / dir. MASSIMO MAZZEO

Esplendores sacros do Barroco italiano

13/11 Sala do Trono | 21:30

LILA HAJOSI (meio-soprano)

LE CONCERT DE L'HOTEL DIEU / dir. FRANCK-EMMANUEL COMTE (cravo)

Medeia: A lendária feiticeira pelos génios musicais de Charpentier e Handel

Podemos questionar-nos sobre qual será a função da arte na sociedade atual. De que serve alongarmo-nos na contemplação da beleza num mundo que procura, cada vez mais, o útil? A resposta vem de dentro do Homem, da necessidade orgânica de usar as suas exigências como um trampolim para a mente. O que nos conduz à História da criação musical é verdadeiramente o resultado de um grandioso volteio do pensamento humano. Olhando para as nossas raízes, para o passado, e, em simultâneo, com os olhos postos na contemporaneidade, a temporada de música de 2020, intercala produções e convidados nacionais e internacionais. O ciclo “Noites de Queluz”, que abre portas no meio de mais uma altura terrível para a sociedade humana, vem propor obras de Stradella, Mozart, Bach, Beethoven, Haydn, Clementi, Bomtempo e Scarlatti – Estas são apenas algumas das peças do caleidoscópio que se desdobra ao longo do período que a temporada vai abraçando. Os intérpretes convidados para este ciclo apresentam-se, uma vez mais, aos nossos olhos – e mais ainda aos nossos ouvidos – como um Olimpo: Andreas Staier, Núria Rial, Andrea de Carlo, Ensemble Mare Nostrum, Concerto Campestre, Divino Sospiro, Roberta Mameli, Rinaldo Alessandrini, Laura Pontecorvo, Lígia Roque, Juan Sancho, José Maria lo Monaco, Le Concert de l’Hostel Dieu, Stefania Neonato constituem um exército iluminado, formado por artistas de uma excelência absoluta, alguns dos quais encontraram, nas últimas décadas, um lugar inalienável no coração e na vida de muitos amantes da música mundial.

Ao mesmo tempo, o nosso estudo e trabalho de investigação continuam, de forma ininterrupta, na recuperação da nossa herança intelectual e na sua identificação histórica e cultural. A Serenata “La contesa delle stagioni”, única sobrevivente das 8 Serenatas para a Corte de D. João V do grande compositor Domenico Scarlatti, foi escrita há 300 anos, por ocasião do aniversário de Maria Ana de Áustria, rainha de Portugal, tendo sido apresentada pela primeira vez no “Palácio Real de Lisboa”, a 7 de setembro de 1720. Esta obra é um dos arquétipos de um género

que em Portugal teve um grande desenvolvimento e que encontrou, no Palácio Nacional de Queluz, o seu lugar de eleição e um valor inestimável. Esta edição da Temporada de Música resulta de um debate frutífero e constante de conhecimentos interdisciplinares e concentra o propósito – espero que bem-sucedido – de conjugar conceção, criatividade e inovação com a devoção à tradição de lugares físicos ou intelectuais e à sua História, através do aprimoramento dos protagonistas do contexto musical de hoje, num constante serviço de respeito à Arte que nos chegou do passado.

A cultura, global e abrangente, é O Homem. Tal como os minerais absorvidos pelas raízes duma planta são eles mesmos A Planta, a matéria que a constitui. Simili modo, a raça humana sem cultura não o é. Na ausência do conhecimento e da cultura, o raciocínio individual fica limitado a uma partilha primitiva. Consequentemente, o contacto e a partilha da cultura devem ser vistos como âncora de salvação para quem caiu na armadilha e na espiral da forma falsa e fácil de viver, que se resume ao ter sucesso, dinheiro, poder sobre os outros, querer alcançar reconhecimento. Sem cultura, o Homem apenas pode reclamar a sua memória, o seu passado e a sua experiência. Contudo, quem vive no fluxo cultural, goza do passado, da experiência da inteira Humanidade e de biliões de indivíduos que protagonizaram toda uma História que, afinal, é a sua. Graças à cultura, muitos jovens apercebem-se da grandeza moral que existe neles próprios. Nestes termos, a minha forma de passar esta mensagem reflete-se na partilha, com orgulho e alegria, da riqueza que encontro no meu percurso, na esperança de que haja mais pessoas, cada vez mais, que aceitem o mesmo desafio. Um músico tem que levar a música ao mundo, um filósofo tem que levar o pensamento às pessoas, concretizando esta missão com coragem e amor. Sim, duas palavras essenciais a partir de agora: coragem e amor.

A música é fundamental para todo o ser humano e jamais poderíamos viver sem ela: o filósofo alemão Friedrich Nietzsche chegou a escrever que a existência privada de música seria um erro. Trata-se de uma linguagem própria da alma, que chega diretamente ao coração das

peças e nos rodeia em todos os lugares e em todos os momentos. Diz-se frequentemente que a arte está ao alcance de todos, mas não é para todos. Eu discordo – acho mais correto dizer que a arte, e principalmente a música, está ao alcance de todos aqueles que desejam desafiar-se a si próprios através dela. A cultura é vida, nutrimento. O único lugar que lhe compete ocupar é o centro da nossa experiência humana, estando disponível a quem pretenda adquirir novos instrumentos de pesquisa sobre o mundo ou uma nova e acrescentada sensibilidade, uma nova percepção, novas faculdades do pensamento e, enfim, novas estratégias de sobrevivência.

Os eventos culturais têm uma importância fundamental para a nossa vida. É, possivelmente, nesta altura tão particular que percebemos a falta que fazem a todos. Acompanhando as nossas emoções, estas atividades ajudam-nos a desenvolver novos pensamentos, novos raciocínios. Ora, aprendendo a participar em raciocínios interessantes e importantes, compreendemos melhor o passado e podemos olhar de forma diferente para o futuro. A cultura não contribui só para aumentar o prestígio de uma nação – a verdadeira razão é que, a longo prazo, estas atividades contribuem para o bem-estar e a “consciência do bem-estar”. E é exatamente em virtude dessa “consciência do bem-estar” – que não tem bases só económicas, mas sim uma riqueza cultural – que se funda e sustenta a maturidade política e social de um povo.

MASSIMO MAZZEO
Direção artística

7ª TEMPORADA DE MÚSICA DA PARQUES DE SINTRA – 2021
7TH PARQUES DE SINTRA MUSIC SEASON – 2021

Bilhetes à venda brevemente | Tickets soon available



Produção | Production



Apoio | Support



Media Partner



Parceiro Streaming | Streaming Partner

CherryBl0om.pt